

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
Labeca	1 de 12										

**TABONE, D. A.<sup>1</sup>**

**2014. Cidade e produção agrária na Grécia Antiga. S.P., Labeca - MAE/USP.**

**[revisão Labeca]**

## **1. A produção agrária na economia da cidade grega.**

A agricultura foi uma das mais importantes ocupações no mundo pré-industrial. No Mundo Grego Antigo sua prática envolvia todos os quadros da vida social, desde o núcleo familiar até a comunidade como um todo, o que se pode perceber, por exemplo, pela constante preocupação das cidades gregas em regular a produção, o estoque e a distribuição dos bens agrários. As cidades procuraram de fato institucionalizar essas preocupações através de normas regulamentadoras e de constantes debates sobre este tema nas Assembléias (Garnsey, Morris 1989).

Desde os textos homéricos (a *Ilíada* e a *Odisséia*), compostos no século VIII a.C., nota-se que os gregos do Período Arcaico (séc. IX-VI a.C.) percebiam o mundo dos humanos comuns – este oposto ao dos deuses – como um mundo essencialmente doméstico e agrário: comia-se o pão de trigo e cevada, cozinhava-se, temperava-se e embebia-se com azeite de oliva, bebia-se vinho e criavam-se animais domésticos que também serviam para o trabalho no campo. Já em *Os Trabalhos e Os Dias*, texto do séc. VII a.C., Hesíodo descrevia a prática da agricultura como a principal atividade desempenhada pelos homens, onde o *oikos*<sup>2</sup> é apresentado como unidade social, mas também de produção, comportando pessoas, bens imóveis e terras, das quais dependia o sustento da família (Finley, 1980).

<sup>1</sup> Mestre em arqueologia - MAE/USP

<sup>2</sup> Segundo o Glossário do Labeca, *oikos* “(masculino; plural *oikoi*) Casa; unidade social e econômica na Grécia Antiga constituída pelos bens móveis e imóveis: a família, os escravos, a casa, as terras, as ferramentas, o mobiliário. Obs. Na bibliografia arqueológica da primeira metade do século XX, a palavra *oikos* é utilizada para definir o lugar na casa grega antiga onde se lidava com água (cozinha, sala de banho, etc.)”. Sobre a relação entre *oikos* e *pólis*, cf. Florenzano 2001.

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
<b>labeca</b>		2 de 12

O historiador francês Pierre Vidal-Naquet (1970) percebe nos textos do Período Arcaico – especialmente naqueles de Hesíodo e Sólon de Atenas – que os Antigos Gregos entendiam que o trabalho na terra poderia levar a uma prosperidade mais justa e duradoura do que métodos mais dúbios de obtenção de riqueza, como o comércio. Assim entendemos como as atividades relacionadas à agricultura passaram a desfrutar de alto prestígio social, notabilizando-se no Período Clássico entre as demais ocupações ao ligar-se a um ideal, o do homem proprietário de terras, livre, independente e capaz de garantir sua própria subsistência. A terra e a agricultura eram vistas como fundamentos possibilitadores da vida urbana, e logo, civilizada. Atividade em estreita relação com a prática do sacrifício aos deuses, a cozinha (e a alimentação) e a organização da família e da comunidade.

A grande importância da agricultura reflete-se no elevado estatuto atribuído à terra e numa preocupação constante da parte dos antigos gregos em elaborar sistemas de repartição das propriedades, assim como em modos de explorá-la e em condições para aliená-la (em geral são mais restrições, cf. Asheri 1966; Finley 1970). Com isto, percebemos que a economia, da qual a agricultura era parte essencial, não pode ser entendida em separado da vida geral da pólis (Finley 1980; Polanyi 2012; Isager, Skydsgaard 1995, 03-04)<sup>3</sup>.

Diversas cidades gregas emitiram moedas com a representação de grãos, possivelmente grãos de trigo. Bons exemplos são as moedas de Metaponto, pólis situada na Magna Grécia (Sul da Itália), como a da imagem 1 (pag 3), ou as de Hermione, uma pólis na Arcádia (Peloponeso), que pode ser vista na imagem 2. Na medida em que “a moeda reflete muito exatamente o particularismo que caracteriza a organização política no mundo grego” (Lacroix 1975: 154), ela é então um meio de afirmar a existência da pólis e de manifestar os seus direitos de soberania, caracterizando-se como emblema da pólis que a emite. É interessante que essas pólis tenham estampado referências ao mundo agrário em suas moedas, ressaltando a importância desta atividade para a própria existência da cidade.

---

<sup>3</sup> Sobre o uso dos tipos ideais de Weber como estratégias de análise sobre a natureza da economia no mundo antigo, especialmente em sua relação com a pólis, cf. Tabone, 2012a.



**Figura 1.** Estatér de Metaponto com um ramo de trigo (Museu Nacional de Copenhagen, Skydsgaard 1995: 23, pr. 2.2).



**Figura 2.** Moeda de Hermione (Argólida) mostrando dois ramos de trigo formando uma coroa em torno da inicial da cidade.

## 2. Mundo urbano (a *ásty*) e mundo rural (a *khóra*).

Que a *khóra*<sup>4</sup> era parte constitutiva da pólis como um todo, e não apenas um apêndice do centro urbano – a *ásty* – tem sido uma percepção que parte especialmente dos estudos arqueológicos pelo menos desde a década de 1960, quando surgiu uma preocupação em entender a ocupação do espaço para uma área além da unidade do ‘sítio’ e da ‘cidade’, abarcando regiões inteiras e ajudando a perceber que a atividade humana acontece em um espaço que é bem mais amplo. Projetos como o realizado no sul da Argólida – o Cambridge/Bradford Boeotian Expedition – ou na Messênia – a Minnesota Messenia Expedition – por exemplo, que recuperaram dados referentes aos Períodos Arcaico e Clássico, têm ajudado a perceber que, diferentemente de como entendemos hoje uma oposição entre um mundo rural e outro urbano, na Antiguidade essa divisão não era tão clara.

Assim, o interesse nos estudos de assentamentos rurais não está em seu estudo por si mesmo, mas sim em possibilitar a visualização de um quadro social, econômico, político e religioso dos quais esses assentamentos eram parte (Finochi, Van Dommelen, 2008, p.17).

Esses estudos têm demonstrado que muitas famílias provavelmente viviam no centro urbano da pólis, já que as residências urbanas permitiam não apenas uma maior proximidade das atividades políticas e da diversão, mas também ajudavam a formar uma rede de apoio em tempos de necessidades. Por isto, os

<sup>4</sup> Segundo o Glossário do Labeca, *khóra* “(feminino; plural *khórai*). Espaço de terra delimitado; na pólis, território; o campo em oposição a área urbana, local onde eram realizadas atividades produtivas; abrigava, por exemplo, fazendolas, santuários extra-urbanos”.

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
labeca		4 de 12

deslocamentos para o trabalho agrícola no campo eram comuns, quando então se deixava a cidade durante o dia e se voltava à noite. Os cidadãos, com isto, estariam habituados tanto ao ambiente urbano quanto ao rural (cf. o excerto de Xenofonte no *Quadro 1*).

#### **Quadro 1. Os atenienses e o mundo rural em Xenofonte**

*Depois de ouvir as palavras de Péricles, os atenienses, já persuadidos, começaram a trazer, do campo, os seus filhos, suas mulheres e todos os seus pertences; retiraram até o madeiramento das casas; os rebanhos e os animais de carga foram transportados para a Eubéia e para as ilhas vizinhas. Esse deslocamento lhes pareceu penoso, pois os habitantes, em sua maioria, estavam habituados à vida no campo (Xenofonte. Helênicas. II, 14. In: Martin, 1956, p. 89).*

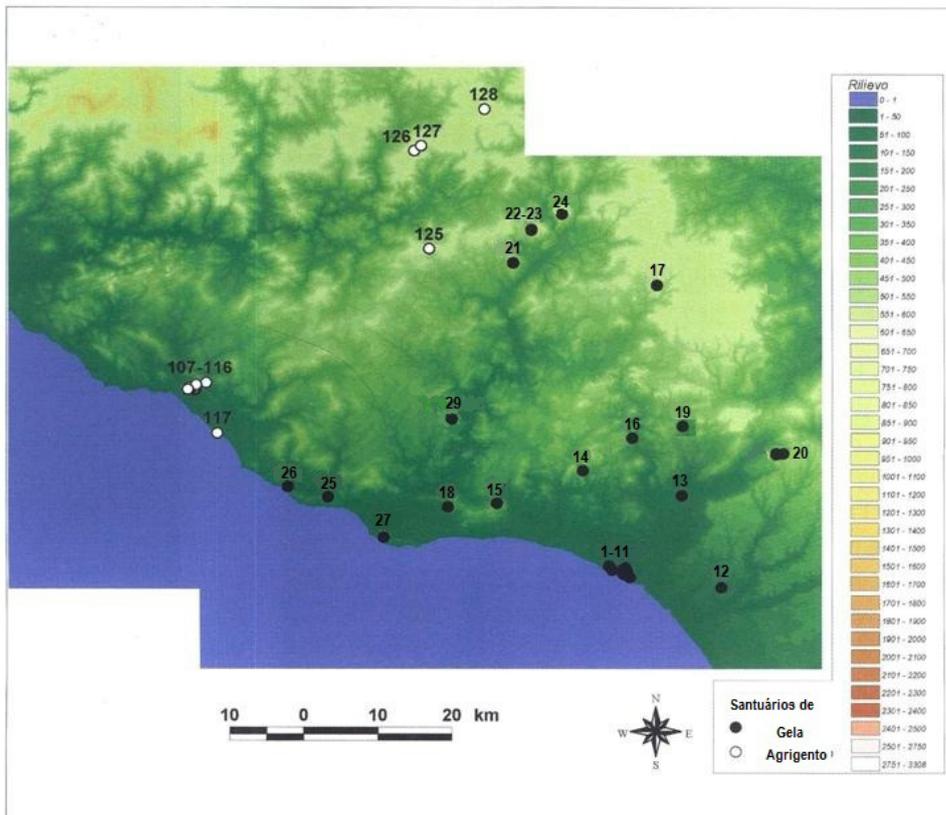
Com isto é de se notar que muitas pólis dispunham de um território consideravelmente amplo que era cultivado de várias formas de modo a atender às mais diversas circunstâncias. Plantações que demandavam um trabalho mais intensivo, como legumes, verduras e frutas, ficavam mais próximas às residências, muitas no próprio interior das cidades; e as que exigiam menos cuidados, como azeitonas e cereais, ficavam mais distantes. Prática que ainda se observa em muitas partes da Grécia atual (Alcock, 2002, pp. 58-61).

Os trabalhos no campo eram então sazonais, o que não exigia a residência no campo. Mas a distância do centro urbano, especialmente a partir de 5-7 km, levou à necessidade de se estabelecerem locais onde se pudesse passar temporadas, quando surgiram pequenas fazendas. Também surgiram pequenas aldeias, conhecidas como *kómai*, locais que podiam fornecer bens e serviços sem que se precisasse depender da *ásty* (Greco 2001, pp.181-2).

O caso de Gela, uma pólis na costa sul da Sicília, é emblemático. Na imagem 3 temos um mapa que indica a distribuição dos espaços sagrados através da *khóra* dessa pólis. Ao redor do centro urbano (indicado pelos espaços sagrados 1-11) havia uma rica planície cultivável que era dedicada à produção de grãos, mas onde não se encontram grandes estruturas (notar que ao redor do centro urbano há um 'arco' vazio no mapa). Arqueologicamente, no entanto, este arco não é vazio, mas sim povoado de pequenas fazendas, vilas, áreas sacras e necrópoles (Orlandini 1962: 77 *apud* Domínguez 1989: 285). Mas dentre os espaços sagrados que distavam entre 3 e 6 km do centro urbano, apenas dois

eram de fato santuários: Bitalemi e Madonna dell’Alemanna, ambos dedicados ao culto de Deméter, a divindade da agricultura por excelência. Os demais eram apenas pequenos edifícios sacros que serviam para atender às necessidades religiosas mais imediatas (Tabone, 2012b, p. 222).

As fazendas, aldeias – que durante o Período Clássico se transformaram em verdadeiras cidades – e os espaços sagrados só aparecem no início das colinas, relacionadas com culturas mais especializadas que demandavam uma atenção mais constante, como legumes e verduras, ou mesmo a uva (Tabone 2012b: 230ss).



**Figura 3.** Mapa da distribuição dos espaços sagrados de Gela, Sicília (Tabone, 2012, p. 14 a partir de Veronese 2006, p. 608, fig. 12.80)

### 3. O ciclo agrário e o trabalho no campo.

O termo ‘grão’ designa uma série de ervas e gramíneas que foram domesticadas durante um longo período que é conhecido como a transição para o Período Neolítico. Como percebeu o célebre arqueólogo Vere Gordon Childe

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
labeca	6 de 12										

(1950), a descoberta da agricultura representou uma verdadeira revolução para a humanidade, pois, uma vez consolidada, possibilitou a residência permanente. Para o mundo pré-industrial, urbanização e agricultura estão interligados com a concepção de uma vida civilizada.

Segundo o calendário agrário apresentado por Hesíodo, o tempo da sementeira é o outono, na época da fixação e nascimento da constelação das Plêiades, entre novembro e maio (Hes. *Trabalhos*. 383) – conferir o *Quadro 2*, onde Hesíodo fala do momento de arar e semear a terra.

#### **Quadro 2. O arado e a sementeira em Hesíodo**

*Quando a estação da sementeira aparece  
Pela primeira vez aos mortais,  
Lançai-vos ao trabalho, tu mesmo e os servos,  
Arando a terra seca ou úmida no tempo da sementeira  
[...] Ara na primavera, mas a terra arada de novo no verão não te  
decepcionará.  
[...] Ora a Zeus ctônio e a Deméter pura:  
Que o trigo santo de Deméter amadureça pesado;  
Ora logo no início da sementeira, quando, o cabo da rabiça  
Tomando na mão, deres com a vara nas costas dos bois  
Que puxam a cavilha do jugo com a correia. Um pouco atrás,  
O servo, segurando o enxadão, imponha sofrimento aos pássaros  
Encobrendo as sementes [...] (Hes. *Trabalhos*. 457-471)*

Em Homero o ato de arar é descrito em vários momentos (*Il.* 18.541; 13.702; *Od.* 13.31), e o uso de mulas para puxar o arado também é citado (*Il.* 10.351). A expressão “três vezes arado” também aparece várias vezes (*Il.*; 18.542; *Od.* 5.127; *Hes.* Teogonia. 971). O nome de Triptólemos, o herói associado aos festivais de Deméter em Elêusis, reforça o testemunho textual de que a terra era arada três vezes, ou seja, que existia um sistema de rotação no uso da terra (Isager, Skydsgaard 1995, pp. 22-24). Hesíodo não cita o período entre a sementeira e a colheita. Já Xenofonte sugere que durante este período era necessário capinar as ervas daninhas.

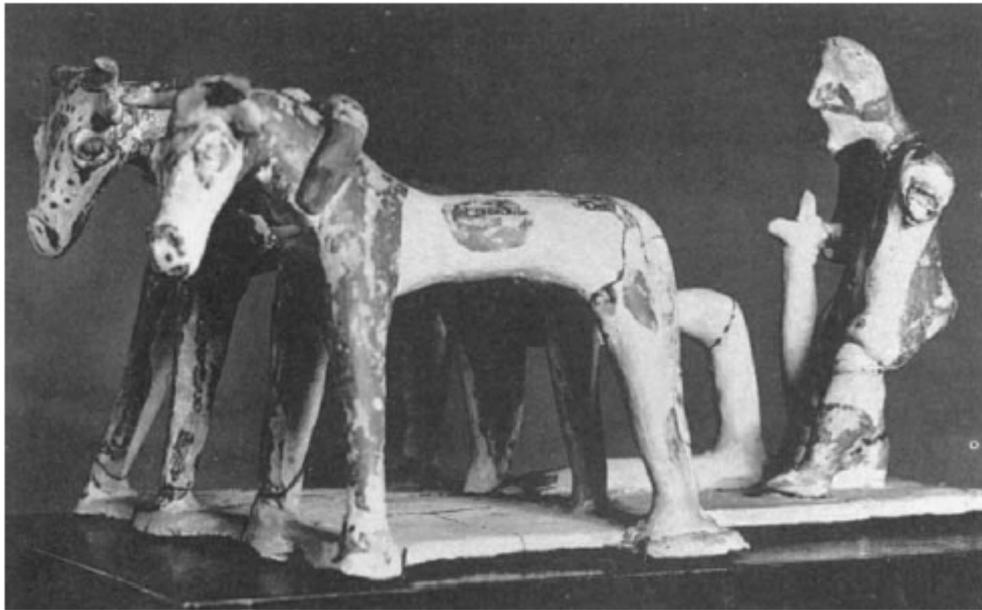
O estudo sobre os usos de implementos como o arado e outros instrumentos apresenta algumas dificuldades, pois muitos eram fabricados em madeira – que

com o tempo se desintegra no solo; enquanto o bronze fica bem preservado, o ferro se deteriora. O que faz com que poucos restos sejam encontrados (Isager, Skydsgaard 1995, p. 44). Mas possuímos boas imagens a partir das pinturas de vasos áticos (imagem 4) e de miniaturas em terracota (como é conhecida a argila queimada em forno), como as da imagem 5, descobertas na região da Beócia.

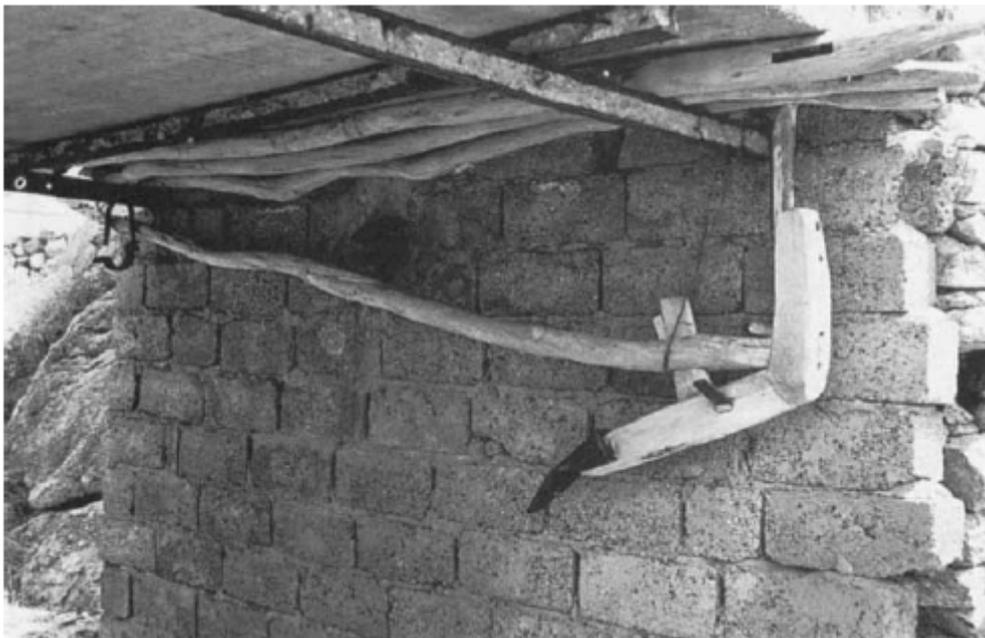
Visto que é difícil estabelecer uma relação entre os achados e os nomes de instrumentos que aparecem nas fontes textuais, já que muitas vezes um mesmo instrumento podia ter diversos nomes, é importante o paralelo com essas imagens. Assim, na imagem 4 vemos uma série de atividades agrárias encenadas com o uso de implementos agrícolas, dentre as quais uma cena de aração com o uso de bois, que corresponde ao instrumento que aparece na estatueta da imagem 5. Também é interessante a comparação com paralelos modernos de agriculturas não industrializadas. As Imagens 4 e 5 podem ser postas em paralelo com um *ard* (arado) moderno, como fotografado em 1978, em Míconos (Imagem 6), ainda em uso. Assim como com passagens de Hesíodo que mencionam o arado puxado por bois (*Hes. Trabalhos. 427ss*).



**Figura 4.** Trabalhadores agrários, kylix ática de figuras negras, Louvre (Isager, Skydsgaard, 1995, p. 50, pr. 3.3i)



**Figura 5.** Arado puxado por animais. Terracota Beócia. Louvre (Isager, Sgydsgaard, 1995, p. 48, pr. 3.1)



**Figura 6.** Arado moderno (*ard*) em Míconos (Grécia) (Isager, Skydsgaard, 1995, p. 48, pr. 3.2)

É possível notar então que muitas pólis dispunham de um território consideravelmente amplo que era cultivado de várias formas de modo a atender às mais diversas circunstâncias. Algumas das principais estratégias de cultivo

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
<b>labeca</b>		9 de 12

incluíam a alternância entre cereais e legumes, ou ainda safras múltiplas nos mesmos campos, sendo os produtos mais importantes os cereais, as azeitonas e as uvas, conhecidas como a “tríade mediterrânica”, na medida em que formavam a base da dieta de diversas populações dos entornos do Mediterrâneo – e não apenas dos gregos (Fischer, 2002, p. 275).

Desde a década de 1960, com os trabalhos de David Asheri (1966) e de Ettore Lepore (1968) a questão da propriedade dessas terras cultiváveis tem sido tema de muitas pesquisas que partem tanto de fontes textuais e epigráficas quanto materiais, incluso os dados provenientes das prospecções arqueológicas.

Em geral, os cidadãos compartilhavam esse território, cujo ato de divisão era de natureza pública e política. Mas é possível ainda se perguntar se tem a posse da terra quem tem direitos políticos ou se tem direitos políticos quem tem a posse da terra? É notável, por exemplo, que os legisladores de cada cidade tenham se preocupado em realizar reformas agrárias e em estabelecer regras para regular os modos como a terra deveria ser dividida e explorada, assim como sobre os modos – e interdições – para sua alienação. O que Lepore percebe é que a terra, em geral, era inalienável justamente porque a posse da terra era critério para o pleno gozo de direitos políticos.

E é assim que a posse da terra e as atividades agrárias passaram a se relacionar ao ideal do homem proprietário de terras, livre, independente e capaz de garantir sua própria subsistência, como notou Vidal-Naquet (1970). Pois, na visão dos antigos gregos, era este tipo de homem, autônomo, que estaria apto a participar da vida política da cidade.

## Referências Bibliográficas

### Fontes textuais

HESÍODO.

2012. *Os Trabalhos e os Dias*. Edição, introdução, tradução e notas de Alessandro Rolim de Moura. Curitiba, Segesta.

HOMERO.

2005. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Ediouro.

2007. *Odisséia*. Edição bilíngue, tradução de Donaldo Schüler. 3 vols. Porto Alegre, L&PM.

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
<b>labeca</b>		10 de 12

### Fontes bibliográficas

ALCOCK, S.; CHERRY, J.F. e DAVIS, J.L.

1994. "Intensive survey, agricultural practice and the classical landscape of Greece". In: MORRIS, I. (ed.). *Classical Greece: ancient histories and modern archaeologies*. Cambridge, Cambridge University Press.

ALCOCK, S.

2002. "O meio ambiente". In: Cartledge, P. (ed.). *História Ilustrada da Grécia Antiga*. São Paulo, Ediouro.

ASHERI, D.

1966. *Distribuzioni di terre nell'antica Grecia*. Torino, Accademia delle Scienze.

AUSTIN, M.; VIDAL-NAQUET, P.

1983. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa, Edições 70.

BINTLIFF, J.

2006. "Issues in the economic and ecological understanding of the chora of the classical polis in its social context: a view from the Intensive Survey Tradition of Greek Homeland". In: Bilde, S. (ed.). *Surveying the Greek Chora: the Black Sea Region in a Comparative perspective*. Aarhus.

CHILDE, V. G. 1950. "The Urban Revolution". *The Town Planning Review*, v. 21, n. 1.

CUSTODIO, C. T.

2010. "Por outra história antiga nas salas de aula". São Paulo: Labeca-MAE-USP, [http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/custodio\\_por\\_outra\\_historia.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/custodio_por_outra_historia.pdf)

DOMÍNGUEZ, A.

1989. *La Colonización Griega en Sicilia: Griegos, Indígenas y Púnicos en la Sicilia Arcaica: Interacción y Aculturación*. T.I. Oxford, B.A.R.

FINLEY, M.

1970. "L'aliénabilité de la terre dans la Grèce ancienne: un point de vue". *Annales ESC*, ano 25, n. 5.

1980. *A Economia Antiga*. Porto, Afrontamento.

FINOCCHI, S., VAN DOMMELEN, P. "Defining the Punic World and its Rural Contexts". In: DOMMELEN, P.V. e BELLARD, C.G. (orgs.). *Rural Landscapes of Punic World*. Londres, Oakville, Equinox Publ. Ltd., 2008, p. 1-21.

FLORENZANO, M. B. B.

2001. "Pólis e oĩkos, o público e o privado na Grécia Antiga". São Paulo, Labeca-MAE-USP,

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
labeca		11 de 12

[http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/florenzano\\_polis\\_e\\_oikos.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/florenzano_polis_e_oikos.pdf)

GARNSEY, P., MORRIS, I.

1989. "Risk and the Polis: the evolution of institutionalised responses to food supply problems in the Ancient Greek State". In: HALSTEAD, P. e O'SHEA, J. (eds.). *Bad Year Economics: Cultural Responses to Risk and Uncertainty*. Cambridge.

GRECO, E.

2001. "Abitare in Campagna". Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mar Nero". *Atti del Quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia*, Taranto.

HIRATA, E. F. V.

2009. "A cidade grega antiga: a polis". São Paulo: Labeca-MAE-USP, [http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/hirata\\_a\\_cidade\\_grega.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/hirata_a_cidade_grega.pdf)

LACROIX, L.

1975. "Les types des monnaies grecques". In: DENTZER, J.-M.; GAUTHIER, Ph. e HACKENS, T. *Numismatique antique: problèmes et méthodes. Actes du colloque organisé à Nancy du 27 septembre au 2 octobre 1971*. Nancy-Louvain, Éditions Peeters, B.P.

LEPORE, E.

1968. "Per una fenomenologia storica del rapporto città-territorio in Magna Grécia". In: *La città e il suo territorio. Atti del settimo Convegno di Studi della Magna Grecia*, p. 29-66.

MARTIN, R.

1956. *L'urbanisme dans la Grèce antique*. Paris, A. e J. Picard.

MARTIN, R.

1987. "Rapports entre les structures urbaines et les modes de division et d'exploitation du territoire". *Architecture et urbanisme*. Roma: École Française de Rome, p. 581-597. Publications de l'École Française de Rome, 99.

POLANYI, K.

2012. *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto.

SKYDSGAARD, E. e ISAGER, S.

1995. *Ancient greek agriculture: an introduction*. Londres, Routledge.

	<b>Cidade e produção agrária na Grécia Antiga</b>	Fev / 2014
labeca		12 de 12

TABONE, D. A.

2012a. “Max Weber e o debate sobre a natureza da economia antiga”. *Archai*, v. 8.

2012b. *Paisagem sagrada e paisagem política: os espaços sagrados de Gela, Sicília – séculos VII-III a.C.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo: São Paulo.

VIDAL-NAQUET, P.

1970. “Valeurs religieuses et mythiques de la terre et du sacrifice dans l’Odyssée” *Annales ESC*, v. 23.